

AS REPRESENTAÇÕES DA MULHER GUINEENSE NAS OBRAS *ETERNA PAIXÃO* E *A ÚLTIMA TRAGÉDIA*, DE ABDULAI SILA

Luciene Rocha dos Santos Cruz

Orientadora: Renata Flávia da Silva

Mestranda

RESUMO: A presente pesquisa pretende detectar e analisar os aspectos da representação da mulher guineense, dentro de uma concepção africana contemporânea, observados através de duas obras do escritor guineense Abdulai Sila: *Eterna Paixão* (2002) e *A Última Tragédia* (2006). O motivo desse corpus literário ter sido escolhido está baseado no fato de que nesses romances é possível acompanhar registros de transformações que ocorreram na sociedade guineense na fase colonial e pós-colonial, sobressaltando a batalha da autoafirmação da mulher africana da Guiné-Bissau. Nota-se que as personagens femininas dessas obras se apresentam como africanas que não representam a imagem da mulher colonizada submissa e se negam a ser consideradas como objeto, ou seja, elas não são retratadas conforme os clichês que generalizam a imagem da mulher africana. Assim, como são vistas essas mulheres no meio em que vivem mediante suas condutas? As formas como são representadas socialmente seriam frutos de sua própria identidade ou será que a construção da identidade estaria sujeita aos paradigmas estabelecidos por uma sociedade masculina, patriarcal e colonizadora? O fato de se estar no período colonial ou no pós-colonial modificaria em que sentido o comportamento dessas mulheres e as formas como são representadas? Portanto, a pretensão é tentar responder as perguntas supracitadas, tentando estabelecer relações entre etnia/gênero/classe, aprofundando a reflexão a partir de textos críticos que destaquem principalmente a questão do pós-colonialismo, do feminismo, e da identidade. Como fundamentação teórica, esta pesquisa se baseará nos estudos de Augel (2007), no que refere ao contexto geográfico, histórico e social do país, como também sobre questões da nova literatura guineense. Bonnici (2005) e (2012) no que tange à questão do pós-colonialismo e da literatura. Sobre identidade, nos sustentaremos nos estudos de Hall (2001) e sobre o feminino, estaremos pautados nas análises de Butler (2008), de Haraway (2004) e de Spivak (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Guineense, Representação da Mulher, Identidade.



É sabido e indiscutível que existe uma gama de estudos de gênero que se dedicam a entender a representação da mulher no mundo ocidental, principalmente no que tange a questões culturais, sociais e psicológicas. Contudo, a maioria dos estudos sobre representação e identidade feminina, segundo Haraway (2004), estava relacionada a mulheres americanas (brancas) e europeias e por isso apresentava “tendências etnocêntricas e imperialistas” (HARAWAY, 2004, p.10). Assim, generalizar e expandir essas análises a todas as mulheres é um erro, posto que a identidade feminina muda de acordo com a realidade na qual se vive, e isso quer dizer que, por exemplo, a realidade da mulher europeia (não colonizada e não negra) é completamente diferente da mulher africana, uma vez que além de ser mulher e negra esta foi também colonizada. E Haraway (2004), afirma:

O poder universalizante do sistema sexo-gênero e a ruptura analítica entre o público e privado foram também agudamente criticados politicamente, particularmente pelas mulheres de cor, como parte das tendências etnocêntricas e imperialistas dos feminismos europeus e euro-americanos. A categoria gênero obscurecia ou subordinava todos os outros “outros”. Os esforços para utilizar conceitos ocidentais, ou “brancos”, de gênero, para caracterizar a “mulher do terceiro mundo” frequentemente resultaram na reprodução do discurso orientalista, racista e colonialista. (HARAWAY, 2004, p.10).

Todavia, ainda de acordo com Haraway (2010), a partir dos anos 80, começa a haver uma mudança, já que se inicia uma produção teórica feminista em diversas outras culturas, não somente a americana (branca) e europeia, como por exemplo, os estudos de Spivak (2010), que analisam a realidade da mulher e cultura da indiana, como também Lucía Guerra (1995), que traça a história cultural da identidade feminina na América Latina. Estes dois exemplos são uma tentativa de incluir diferentes realidades culturais, desestruturando os cânones do feminismo ocidental europeu-americano. E Haraway (2010) destaca outro exemplo:

Carby mostrou como no Novo Mundo, e particularmente nos Estados Unidos, as mulheres negras não foram constituídas como “mulher”, como o foram as mulheres brancas. As mulheres negras foram simultaneamente constituídas, racial e sexualmente - como fêmea marcada (animal, sexualizada, e sem direitos), mas não como mulher (humana, esposa potencial, conduto para o nome do pai) - numa instituição específica, a escravidão, que as excluía da cultura definida como a circulação de signos através do sistema de casamento. (HARAWAY, 2004, p.10).

Assim de acordo com Haraway (2010), percebemos que a condição de escrava fez com que a mulher negra americana não fosse considerada mulher e sim, como fêmea sexualizada e sem direitos. Portanto, o exemplo acima citado corrobora com a premissa de que a questão de gênero/raça/classe determina a identidade e a realidade de uma pessoa mediante a sociedade na qual ela vive e essas diferenças devem ser levadas em consideração, não havendo possibilidade de generalização no que se refere à representação feminina.

Apesar de haver um avanço sobre os estudos feministas relacionados às mulheres de culturas diferentes da europeia e americana, são escassas as pesquisas a respeito das mulheres africanas. Entretanto, partindo do pressuposto de que a literatura pode ser considerada como um produto de um processo histórico, conforme alega Gramsci (1985), ou seja, ela é capaz de representar e descrever a realidade, podemos utilizá-la para compor um cenário da vida real, já que de acordo com Lukács (2000), é possível haver uma relação entre um romance e o contexto social no qual ele é escrito, visto que “as categorias estruturais do romance coincidem constitutivamente com a situação do mundo”. (LUKÁCS, 2000, p.96). Isso significa que a literatura consegue retratar a realidade na qual certa sociedade vive, descrevendo ou denunciando seus aspectos negativos ou positivos. E segundo Freitas (1989):

Os grandes escritores são capazes de registrar os movimentos difusos no inconsciente de um determinado grupo social e dar significação estética aos seus desejos mais vagos e inconfessados. Mais do que a imagem, a Literatura seria antes o imaginário da História. (FREITAS, 1989, p.115).

E assim o fez Abdulai Sila, que em suas duas obras *Eterna Paixão* (2002) e *A Última Tragédia* (2006), dá destaque à condição da mulher guineense e deste modo, através da observação do comportamento de suas personagens femininas, podemos evidenciar como elas são representadas mediante a sociedade guineense. E de acordo com Bonnici (2012), há uma estreita relação entre os estudos pós-coloniais e o feminismo, principalmente porque o objetivo destes dois discursos é o ajustamento da mulher marginalizada à sociedade, e no caso das mulheres africanas, permitem que haja uma reflexão sobre sua realidade e seu lugar dentro da sociedade em que vivem e um bom instrumento que auxilia na observação e no registro da realidade de um dado momento é a literatura.

A trajetória de Ndani, Ruth e Mbubicomo representação da mulher Guineense na época colonial e pós-colonial

Partindo do pressuposto que há uma relação entre um romance e o contexto social na qual ele é escrito, conforme atesta Lukács (2000), façamos uma pequena análise das personagens Ndani, de *A última Tragédia* (2006) e das personagens Ruth e Mbubi, de *Eterna Paixão* (2002), focando como estas são representadas nas narrativas.

Ndani é uma jovem guineense de 13 anos que foge de sua aldeia em Biombo para a capital Bissau, devido o rótulo de ser maldiçoada por um espírito que sempre lhe traria infelicidade. Chegando a Bissau, segue o destino de toda moça negra que vai para a cidade: torna-se empregada de uma família portuguesa. É neste momento que Ndani tem acesso real ao universo português, apesar de saber por alto de como é a realidade na cidade devido ao que lhe contou sua madrasta. Nota-se que a ida de Ndani para a cidade foi uma opção, posto que imagina que sua vida seria melhor lá. Assim, o primeiro ponto que podemos destacar a respeito do que pensa essa mulher africana sobre a sua realidade é que a protagonista vem para a cidade acreditando que sua vida melhorará e descreve os benefícios que encontra em estar na casa de portugueses, bem melhor do que sua realidade em Biombo:

Ele devia ver o que é dormir numa cama de molas e comparar a diferença com um colchão de palha com troncos no meio; ele devia saber o que é dormir num quarto sem mosquito a chatear e com ventoinha a soprar fresco toda a noite e comparar isso com o martírio de dormir com galinha e cachorro ao lado e dabi no colchão. [...] (SILA, 2006, p.44)

Neste trecho, de acordo com Dutra (2010), temos o reflexo da estratégia do colonizador, que ao oferecer ao autóctone um estilo de vida “mais confortável”, toma em troca a destruição da identidade desta mulher, pois lhe tira seus desejos, sua tradição, sua língua, sua cultura, seu nome (Ndani passa a se chamar Daniela). Contudo, Ndani, apesar de estar “mergulhada” no mundo português, ainda mantém a sua identidade de nativa, como por exemplo, no que tange à religião. Por mais que a sua patroa portuguesa lhe incutisse a religião católica, para ela: “ir à missa ou à catequese era como lavar prato sujo [...] um trabalho que criado tinha que fazer por obrigação, nada mais” (SILA, 2006, 51). Nota-se que apesar de Ndani sentir interesse pelas comodidades do mundo português, ela tenta manter os traços da

sua cultura, já que para ela, havia uma distinção muito clara da religião de negros e religião de branco, por exemplo. E se iria para a igreja era por obrigação, posto que o Deus dos pretos era o Yran e este não se encontrava na igreja católica. Assim, podemos apresentar como uma característica da representação feminina guineense a tentativa de não assimilar-se totalmente, e sim transitar pelos dois mundos. Na verdade, esta não é somente uma peculiaridade de Ndani. Tanto o Professor quanto o Régulo mantêm esse aspecto na narrativa de Abdulai Sila (2006).

Outro ponto a ser destacado é que desde a sua saída de Biombo, Ndani já tinha aprendido que os senhores brancos eram superiores e os negros inferiores. No exemplo a seguir, a Jovem Ndani questiona-se sobre a sua posição de menina negra e como a realidade dos brancos é diferente da sua:

[...] Mas... seria crueldade mesmo? Ou seria antes desprezo pelo preto? Se tivessem encontrado uma menina branca com fome e sede, tê-la-iam também abandonado? Mas que parvoíce! Rapariga filho de branco de verdade a pedir trabalho na rua, isso é impossível. Filho de branco na idade dela ia à escola todos os dias, tinha dito a madrastra. (SILA, 2006, p.29)

Nota-se neste trecho que Ndani sente-se tão inferior e insignificante que não se permite comparar com uma menina branca. Esta é a forma como ela se vê: além de subalterna, inferiorizada por ser negra. E desta forma, Bezerra (2011) aponta:

É assim que o romance norteia a insistência de frisar a “interioridade congênita” do negro, “legitimado” pela colonização e pela missão salvadora e civilizatória atribuída, nessa época, ao branco. Mas essa aparente aceitação das personagens negras de *A Última Tragédia* em relação a uma suposta supremacia branca debruça-se sobre uma denúncia trágica que assolaria o território guineense. (BEZERRA, 2011, p. 2)

Destaquemos agora o episódio da narrativa na qual a jovem Ndani é violentada pelo seu patrão português, o Sr. Leitão:

[...] As suas preocupações pelas almas a salvar levaram-na a esquecer um vício antigo do marido: violar criadas. Lembrou-se disso um dia à tarde, quando regressou à casa antes da hora habitual e ouvir os gemidos no quarto da criada. Não foi necessário entrar no quarto, soube logo o que tinha acontecido. [...] Dona linda ficou parada no meio da sala como uma estátua. Estava com as faces todas molhadas de lágrimas. [...] Qual deveria ser, naquelas circunstâncias tão dramáticas, a decisão certa a tomar? (SILA, 2006, p.66).

Observemos que, apesar de estar claro de que Ndani fora vítima de estupro, em nenhum momento seus sentimentos ou a sua dor é retrata. No entanto, durante toda a explanação do narrador, só temos expressado o sofrimento de Dona Linda, a patroa. Isso porque esta vive a angústia de não ser saber se perdoa o marido ou não. Apesar Ndani ter sido violada, a dor que se destaca é a de Dona Linda, a patroa portuguesa e colonizadora. Neste momento da narrativa é reproduzida mais uma representação da mulher negra colonizada: ela é um objeto e suas emoções não são consideradas.

Agora abordemos o segundo momento da narrativa, na qual temos o envolvimento de Ndani com o Régulo da aldeia Quinhamel. Neste caso, temos um casamento forçado, posto que o Régulo só interessa-se por Ndani porque ela era uma mulher alfabetizada e porque conviveu com portugueses. Assim, ela poderia oferecer a ele o mais próximo do que seria conviver com uma mulher branca, já que ele queria “vingar-se” do Chefe do Posto. E como Ndani nunca tinha sido casada, o Régulo acreditava que ela seria virgem e isso era um estímulo para ele:

Aquela rapariga representava muito para ele. Muito mais do que podia imaginar. Não era só a vingança nem a mulher para cuidar da casa grande que ele estava construindo. Ela representava também seu rejuvenescimento. [...] A noiva nunca tinha tido um homem em cima do seu peito. Ele seria o primeiro... Com ele seria a primeira vez dela. Oh, como isso é agradável saber. (SILA, 2006, p. 99/101)

Contudo, os planos do Régulo não se concretizam, e ele afasta-se de Ndani. A sua decepção para com ela (que o levou à morte) não veio pelo motivo de saber que esta era possuidora de uma maldição e sim por saber que ela não era mais virgem. Apesar de não ser sua culpa o fato de não ser mais virgem, este teve mais peso do que os motivos que levaram a consumação do ato. Notamos assim, que para a sociedade colonial da época, casar-se virgem era primordial, sendo uma exigência da condição feminina.

Agora ao que tange às personagens Ruth e Mbubi, de *Eterna Paixão* (2002), estas, apesar de conviverem no mesmo período histórico, o pós-colonialismo, apresentam características totalmente opostas. Entre elas, há uma relação entre patroa e empregada e mais do que isso: uma cada vez mais se afasta de suas raízes africanas e a outra está totalmente atrelada às suas origens. Ruth teve oportunidade de estudar economia nos Estados Unidos e regressa a Guiné Bissau, casada com Daniel, e ambos têm bons empregos no governo. Já

Mbubi, não possui estudo, sempre fora empregada doméstica e transita entre o mundo ocidental (de seus patrões) e sua realidade autóctone.

Nota-se que Ruth apresenta muitas peculiaridades ocidentais (americanas) e que não segue mais as tradições de sua cultura, como por exemplo, não cumprir com sua palavra. Na narrativa, Ruth promete liberar Mbubi no final de semana para que esta visite sua família e participe de uma cerimônia em sua aldeia. Contudo, a patroa muda de ideia, posto que decide recepcionar alguns amigos em casa e por isso precisaria dos serviços de Mbubi. Assim, proíbe Mbubi de se ausentar do trabalho, descumprido a promessa. De acordo com Hampaté-Bâ, manter a palavra faz parte da tradição: “na África tradicional, aquele que falta à palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele se separa de si mesmo e da sociedade. Seria preferível que morresse, tanto para si próprio como para os seus” (HAMPATÉ-BÂ, 1982, p.186-187). Desse modo, como Ruth não está mais presa às suas origens, ela, como patroa, acredita que pode mudar de ideia a respeito do que prometera a sua subordinada. Contudo, para Mbubi este comportamento é inaceitável, posto que, suas origens culturais não permitem tal atitude.

Outro ponto que destaca como a personagem Ruth é representada na obra são os diversos motivos das brigas entre o casal (Ruth e Daniel). No decorrer da narrativa, eles discutem sobre vários assuntos: a ambição de Ruth, a forma da criação do filho do casal, a traição, a desonestidade no trabalho, a arrogância, entre outros. Assim, fica claro que Daniel mostra-se muito insatisfeito com as atitudes e as decisões de sua companheira a ponto de se separem. Mas é interessante notar que todas as ações de Ruth estão atreladas ao afastamento ou à negação de sua origem africana. E Daniel, ao contrário, cada vez mais se aproxima de suas raízes.

Já Mbubi, apesar de transitar pelo mundo ocidental (trabalhando como doméstica nas casas da elite burguesa local), mantém-se fiel às suas origens culturais, como por exemplo, participando das cerimônias do seu povo: “Era o dia de partida para a sua tabanca de origem. Na mala tinha pouca roupa e muita oferenda. Na consciência levava a obrigação de participar na cerimônia anual que marcava o início de uma nova ida, o começo das chuvas” (SILÁ, 2002, p.300).

Nota-se que apesar da diegese da narrativa estar ambientada no período pós-colonial, Mbubi não tem sua vida alterada, ou seja, aqueles que eram desfavorecidos no tempo colonial, assim permaneceram no período pós-colonial. Desta forma, de acordo com Cardoso (2013):

Mbubi é a raiz eleita pelo autor como a mais autêntica da nação Bissau-guineense. Essa raiz carrega o símbolo da simplicidade e da esperança do povo da Guiné-Bissau que, deslocado do poder, em face do assalto de uma certa elite cultural e política ao Estado, vive ainda à margem social e das principais decisões políticas e administrativas do país. (CARDOSO, 2013, p. 273)

Assim, a partir da análise do romance *A Última Tragédia* (2006) e *Eterna Paixão* (2002), de Abulai Sila, como também através de questões relacionadas ao feminismo, ao colonialismo e ao pós-colonialismo, tentamos fazer um pequeno panorama sobre a representação feminina guineense no período colonial e pós-colonial, posto que, diante de um texto literário seria possível encontrar registros de como um povo é representado na sociedade em que vive. Sobre esta questão, Pereira (2010) atesta:

É na literatura que os guineenses encontram espaços para questionar a respeito da identidade, e através de seus escritos literários tentam compreender o porquê das experiências humanas em seu território. Um sujeito descobre sua identidade por meio da diferença marcada em um sistema simbólico de representação ou em forma de exclusão social. (PEREIRA, 2010, p.15)

O que percebemos é que as três personagens analisadas apresentam características bem distintas, contudo apresentam um ponto em comum: se apresentam como africanas que não representam a imagem da mulher colonizada submissa e se negam a ser consideradas como objeto, ou seja, elas não são retratadas conforme os clichês que generalizam a imagem da mulher africana.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. O desafio do escomburo: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

_____. Na voz do outro. A representação da mulher guineense pela perspectiva masculina. In: SILVA, Fábio Mário da (Org.). *O feminino nas literaturas africanas em língua*



portuguesa. Lisboa: CLEPUL, 2014. Disponível em:
<http://pt.calameo.com/read/001827977b7a38997963a> Acesso em 14/06/2015.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2009.

BEZERRA, Rosilda Alves. Resistência, identidade e memória em A Última Tragédia, de Abdulai Sila, As Mulheres de meu Pai e O vendedor de Pássaros, de Agualusa. In: XII Congresso Internacional da ABRALIC, 2011, Curitiba. *Anais...* Curitiba: UFPR, Jul/2011, p.10 Disponível em:
<http://www.abralic.org.br/download/anaiseventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0042-1.pdf> acesso em 15/06/2015.

BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da Teoria Pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.

_____. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. Maringá: Eduem, 2012.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

CARSOSO, Sebastião Marques. Cultura e utopia em Abdulai Sila: uma leitura de Eterna Paixão. *Polifonia*, Cuiabá, v.20, n.28, 2013. Disponível em:
<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/294> Acesso em 05/10/2016.

DUARTE, Zuleide. Ndani a tamar africana, considerações em torno da Última Tragédia, de Abdulai Sila. *Conexão Letras*. Porto Alegre, v. 7, n.8, 2012. Disponível em:
<http://seer.ufrgs.br/index.php/conexaolettras/article/view/55446/33708> Acesso em 14/06/2015.

DUTRA, Robson. O romance guineense e a redenção do Presente. In: SECCO, Carmen Lúcia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). *Áfricas, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/UEA, 2010.

FREITAS, Maria Teresa de. Romance e história. *Uniletras*, Ponta Grossa, n. 11, p. 109-118, 1989. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/uniletras> Acesso em 14/06/2015.

GUERRA, Lucía. *La mujer fragmentada: historias de un signo*. Chile: Editorial Cuarto Propio, 1995.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

HAMPATÉ-BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História geral da África*. Tradução de Beatriz Turquettiet al. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982.v. 1.



HARAWAY, Donna. “Gênero” para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 22, Jan./Jun. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332004000100009&script=sci_arttext Acesso em 14/06/2015.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante (Orgs). *Mulher na África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Ed. Colibri, 2007.

PEREIRA, A. S. *Conflitos identitários em a Última Tragédia, de Abdulai Sila*. 2010. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2010. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/handle/123456789/1406?mode=full> Acesso em 16/06/2015.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Org.). *Áfricas, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe*. Rio de Janeiro: EdUFRJ/UEA, 2010.

SEMEDO, Odete. *Guiné-Bissau: história, culturas, sociedade e literaturas*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILA, Abdulai. Eterna Paixão. In: *Mistida (trilogia)*. Praia -Mindelo: Centro Cultural Português, 2002

_____. *A Última Tragédia*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.